

Ética de Responsabilidade Social e Terceiro Setor: Participação solidária na ONG Saúde Criança

Rosemary Fernandes da Costa, Carolina Berenger, Felipe Durão, Fernanda Buentes, Giovanna Fassini, Giovanna Trocoli, Pedro Figueira e Stanley Barbosa¹

A ética da responsabilidade nos convida a resgatarmos não apenas a esperança, mas o compromisso por um mundo que é de todos. Neste sentido, devemos ter em conta não apenas o diagnóstico das grandes questões éticas, mas também identificarmos as estruturas sociais favoráveis para caminharmos ao encontro de alternativas sólidas, sejam de curto, médio ou longo prazo. Para tanto, consideramos três modalidades de recursos disponíveis para nossas ações morais: os **recursos físicos** (os espaços geográficos-ambientais), os **recursos humanos** (os grupos humanos com seu saber acumulado, sua cultura, suas técnicas e conhecimentos, suas habilidades e capacidades) e os **recursos sociais** (as relações entre as pessoas, entre os grupos).

Estes três recursos – físicos, humanos e sociais – inter-relacionam-se quando falamos de uma ética de cidadania. O isolamento de um dos recursos vai significar uma compreensão parcial da ética, o que veio acontecendo no paradigma da modernidade que, em muitas situações, racionalizou os processos sem levar em consideração a integração entre ambiente-pessoas-comunidades.

Esta é, portanto, uma premissa para nossa reflexão: a cidadania ativa supõe a conexão e o compromisso entre os recursos físicos, humanos e sociais. Em função desta articulação, um grupo de alunos do curso de Ética Cristã desenvolveu um trabalho solidário com a ONG Saúde da Criança, que aqui apresentamos como testemunho e reflexão para a Ética de Responsabilidade Solidária.

I. A ação social da ONG e a ética

A ONG Saúde Criança tem como objetivo ajudar famílias de crianças em risco social que ficam internadas no hospital Miguel Couto, na Gávea. O intuito principal é cuidar da saúde dessas crianças, mas de acordo com a ONG, isso envolve uma série de outros fatores e solucionar esse problema não é tão simples quanto parece. Quando a doença surge, muitas vezes acaba desestruturando toda a família, especialmente quando se trata de pessoas que vivem na miséria.

¹ Rosemary Fernandes da Costa é professora do Setor de Cultura Religiosa do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Os demais autores são alunos dos Cursos de Direito e de Engenharia Mecânica da mesma Universidade. Trabalho realizado para a disciplina de ÉTICA CRISTÃ, no período de 2016, 2º. Semestre.

Em 1991, a Dra. Vera Cordeiro observou que as crianças que estavam ao meio dessa pobreza quando ficavam doentes, eram internadas e, ao receber alta, acabavam piorando e até mesmo morrendo por conta da situação precária em que voltavam a viver. Ela percebeu que os pacientes precisavam muito mais do que um atendimento médico. E com isso, desenvolveu o trabalho do Saúde Criança que se encarrega de tratar a doença de uma vez por todas levando em consideração outras questões. É uma solução global que rompe com esse círculo vicioso. A ONG se encarrega de fazer pequenas reformas nas casas dos pacientes, oferece cursos para os pais desempregados, providenciam documentos e remédios etc. Isso tudo a fim de e “ensiná-los a caminhar com as próprias pernas” e reestruturar a vida dessas famílias que usam a doença como desculpa para a miséria.

Dentro do hospital, no setor da pediatria, a ONG desenvolve parte de seu trabalho na brinquedoteca. Lá, são desenvolvidas brincadeiras e atividades para distrair as crianças no período em que estão internadas. Achemos a totalidade da ideia do projeto revolucionária e por isso a escolha da visita ao hospital. A RESPUC, inclusive, faz o intermédio da seleção de voluntários e alguns alunos da Puc trabalham na brinquedoteca do hospital. Portanto, por esse motivo escolhemos fazer a visita ao local.

A realização da intervenção social na ONG Saúde Criança, realizada pelo nosso grupo, guarda relação com a ética cristã no sentido de atingir os bens internos, que no caso concreto é a felicidade e o sorriso estampado no rosto das crianças, que realmente precisam de carinho e atenção.

Essa relação se dá quando observando os princípios da fé cristã fazemos o que é certo. Ao nos guiarmos por esses princípios, temos consciência de que nossa atitude teve a devida importância na vida daquelas crianças. No momento em que fomos brincar com elas na brinquedoteca fizemos jus ao princípio chave da fé cristã, que é “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. A ética cristã se mostrou presente uma vez que naquela situação nós colocamos em prática o amor e o respeito ao próximo e procuramos fazer o bem a aqueles que precisavam de nós.

Nessa perspectiva, nossa visita atingiu os bens internos, no sentido de que o sorriso estampado no rosto de cada criança demonstrou que esse foi um encontro proveitoso. Ensinaamos e aprendemos um pouco da história de cada criança, que apesar das dificuldades não paravam de querer brincar e serem felizes. A felicidade é um bem interno que nenhum bem externo pode alcançar, uma vez que bens externos são meras satisfações momentâneas.

Torna-se evidente, portanto, que ao visitarmos uma instituição, com louvável propósito, em busca de atingir o interior das crianças em situação de risco social e vulnerabilidade, sem deixar de ajudar seus pais no que for necessário, estávamos agindo de acordo com os princípios da fé cristã.

Dito isto, vale lembrar o que foi trabalhado em aula, a partir dos textos apresentados pela professora, que nos levou à definição da chamada ética civil. Essa consiste na moral que uma sociedade plural deve encarnar para que seja possível uma convivência pacífica, dentro do respeito e da tolerância com as diversas concepções de mundo, uma vez que é preciso pensarmos em um mundo humano, livre, igual e solidário. Ou seja, a importância da realização de uma intervenção social se reflete exatamente na conscientização daqueles que têm mais do que outros e tentam de alguma forma alcançar uma situação mais igual.

Essa ideia não engloba apenas o escopo econômico, não se trata apenas de ter uma condição financeira melhor, mas como no caso das crianças do hospital, trata-se de estar com mais saúde e, portanto, com mais "razões para sorrir" e tentar levar um pouco de alegria a elas e suas famílias, através de gestos, carinho, brincadeiras. Trata-se de saber que a esperança e a positividade são contagiantes, e tentar levar às crianças que estão internadas, doentes, cabisbaixas um sorriso a mais, através dos mais simples atos. Até porque, as diferenças dessa sociedade tão plural em que vivemos só nos engrandece quando compartilhadas - ouvir histórias de vida, de superação e, acima disso, histórias de fé, só enriquecem o nosso espírito.

É aí que entra a importância de discutirmos também as indagações recorrentes acerca de uma sociedade possivelmente corrompida. Mas por que corrompida? Justamente por estar marcada pelo individualismo, pela ausência de solidariedade e empatia e pelo enfraquecimento dos laços comunitários. A indagação supracitada acontece devido à incerteza acerca da existência de uma sociedade corrompida ou se na verdade o que há é uma crise dos valores éticos tidos como tradicionais. Ademais, pergunta-se: qual seria a interferência de nós, cidadãos, para restabelecer essa ética? Como reanimar o comprometido através de um impulso vital que enche o próximo de força de vida, de energia e de encantamento? A ética seria, então, um "que-fazer que consiste na formação de caráter" e o agir ético seriam orientações para uma vida de realização pessoal, bem como do mundo que nos cerca.

Dessa forma, não resta dúvidas de que a visita ao hospital e a interação com as crianças, em um ambiente, a princípio, desconfortável para elas, torna de algum modo a estadia delas lá menos difícil. Mas a questão maior, é que apesar de sabermos que fomos capazes de alegrar o dia delas, elas não fazem nem ideia do quanto alegraram o nosso. A intervenção é recíproca, e nós saímos de lá com um

sentimento de gratidão, além da certeza de que a solidariedade é algo muito preciso e enriquecedor. Afinal, como a própria canção do Lenine, "Paciência" que tivemos a oportunidade de ouvir em aula diz:

*"Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma,
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma,
A vida não pára."*

E, por isso, é tão importante vivermos em uma sociedade solidária, justa, igualitária, que não seja cheia de pessoas que se reservem a pensar só nelas mesmas, que amplie sempre os laços entre os indivíduos, até porque, "a vida é tão rara".

II. A experiência solidária

Nossa ideia principal era ajudar pessoas de forma direta, queríamos visitar, ir até o local e ajudar nós mesmos e não apenas com doações, campanhas. A partir disso começou-se então, o debate de qual lugar seria mais propício para fazermos nosso projeto.

A ideia de visitar a ONG Saúde Criança, instalada no Hospital Miguel Couto, surgiu através de conversas, descobrimos que a Giovanna já realizava esse trabalho no hospital e ao relatar suas experiências, ficamos encantados com o projeto e com uma imensa vontade de ajudá-los também. Com isso, debatemos o melhor horário e dia para todos e a partir disso a Giovanna entrou em contato com a Monique, responsável pelo projeto no hospital.

Ao chegar no hospital, fomos muito bem tratados por todos. Primeiramente, a Monique nos mostrou as instalações da área pediátrica, nos levando aos quartos onde as crianças são internadas, que são divididos de acordo com a faixa etária dos pacientes. Chegamos então até a brinquedoteca, um espaço reservado no andar da pediatria, no qual as crianças internadas podem brincar e se distrair durante seu tratamento. O espaço conta com diversos filmes infantis, livros para todas as idades, brinquedos como lego, carrinhos, casinha de boneca, barbies, cozinhas - é um ambiente bastante eclético voltado para todas as idades e gostos.

Nosso objetivo era conseguir transformar o dia daquela criança internada, fazer com que eles não pensassem que estavam ali por estarem doente e precisando de tratamento, dar pelo menos algumas horas de distração e alegria para eles. Chegamos e fomos acalentados pelas crianças. No começo, assim como eles, nós estávamos tímidos e sem ter muita direção do que fazer, de como abordá-los, mas rapidamente ambos se soltaram. Tinham crianças de todas as idades, 2, 6, 8 e 12

anos. Começamos tentando conversar com eles, perguntando nome, idade e então entregamos alguns presentinhos que tínhamos levado para eles - pequenos *kits* com bonequinhas, caderninho, lápis, baralho e etc. Buscamos entretê-los de acordo com a sua idade e interesse e dar o máximo de conforto possível.

A forma como aquelas crianças lidam com seus problemas de saúde é encantador - se não fossem os curativos nunca diríamos que estavam doentes, pois possuíam uma energia e alegria enormes. Passamos a tarde toda no local brincando e podíamos ver a felicidade não só das crianças como dos pais também, de verem seus filhos um pouco mais felizes naquele ambiente. Foram horas reconfortantes e divertidas para todos - nós, as crianças e seus familiares.

Ao irmos embora, nos sentimos extremamente melhores por aquele dia. Poderia até dizer que fez mais bem para nós do que para as crianças, o sentimento de poder transformar o dia de uma criança é único. Uma conversa que nos marcou foi a de um pai que ao irmos embora, nos indagou se éramos contratados da prefeitura e ao dizermos que não, que fizemos aquilo voluntariamente, o mesmo nos agradeceu e parabenizou por nossa atitude. O encontro nos fez ter vontade de voltar e ajudar outras crianças que estarão lá em outra semana e por isso, estamos combinando de retornarmos ao local em dezembro e de arrecadar presentes de natal para eles.

III. Conclusão

Em um mundo com tantos problemas, tanta violência e falta de empatia, trabalhos como o realizado pela ONG Saúde Criança nos fazem ter esperanças de um mundo melhor e mais solidário. É muito importante que pessoas com essa consciência social e comunitária tenham espaço para concretizar sonhos e projetos que façam o bem e que demonstrem o quão necessário e gratificante é você poder fazer algo pelo próximo. Acreditamos que iniciativas assim tem um poder transformador que não alcança limites. Eles atingem as pessoas que são ajudadas, aquelas que trabalham pela causa, aqueles que se voluntariam e até mesmo aqueles que estão de fora, se mirando em exemplos como esses.

Para uma sociedade que vive tempos tão caóticos e egoístas, iniciativas como essa que escolhemos nos ajudam a superar as dificuldades de um momento de crise de valores e de certa forma minimizam a ideia de uma sociedade corrompida. O que pudemos ver foi um grupo de pessoas unidas por um mundo melhor, trabalhando para tornar mais alegre e menos dolorosa a vida de muitas pessoas, independente de raça, classe social, gênero. O trabalho dessa ONG representa a ética civil, que se funda em valores éticos e morais de bem comum. Com certeza, é um projeto que acaba por

influenciar os beneficiários e envolvidos a terem atitudes semelhantes e continuarem uma corrente do bem.

No que tange à relação com a ética cristã, vimos a importância do "amar ao próximo" - um dos pilares da construção do cristianismo -, na felicidade com a qual as crianças nos receberam. O bem interno que conseguimos tocar ao fazer o dia delas um pouco mais alegre, essa felicidade, é exatamente o que Jesus buscava ao nos ensinar a amarmos e respeitarmos uns aos outros. A ética cristã engloba atos de compaixão, de empatia e solidariedade, assim como a ética civil, e foi isso que buscamos concretizar com nossa ação social. Assim, fica evidente a relação estreita do nosso trabalho com a ética cristã.

Nosso grupo ficou extremamente contente com o resultado dessa intervenção porque ela certamente nos fez crescer muito individualmente e enquanto cidadãos, parte de uma coletividade. As crianças foram exemplos de força, simplicidade e de como podemos escolher enfrentar os nossos problemas. Poder brincar com elas, ainda que por apenas uma tarde, e ver a alegria delas em cada sorriso nos trouxe felicidade e leveza, e encheu nosso dia de energias boas e alegria. Fazer o bem a outros acabou por nos fazer muito bem também e nos motivar a seguir com essa ação social. É justamente nessa corrente de solidariedade e sentimentos bons que depositamos nossas esperanças em uma restauração da ética civil, porque se cada um transmite ao outro aquilo que recebe de bom, não é possível que tenhamos uma perpetração da violência, da falta de empatia e do ódio.